



Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"

24 a 25 de setembro de 2020



Volume XIV, n. 7, set. 2020
ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380

EIXO 7 - FORMAÇÃO DE PROFESSORES. MEMÓRIA E NARRATIVAS

Editores responsáveis: **Veleida Anahi da Silva - Bernard Charlot**

DOI: <http://dx.doi.org/10.29380/2020.14.07.06>

Recebido em: **18/08/2020**

Aprovado em: **18/08/2020**

NARRATIVAS IM-PERTINENTES SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE NAS ESCOLAS
DA ROÇA; IM-PERTINENT NARRATIVES ABOUT GENDER AND SEXUALITY IN
RURAL SCHOOLS; NARRATIVAS IMPERTINTES SOBRE GÊNERO Y SEXUALIDAD
EN ESCUELAS RURALES

CHARLES MAYCON DE ALMEIDA MOTA

<http://orcid.org/0000-0001-5927-3466>

Resumo

Este estudo tem como objetivo investigar como professores e professoras que atuam na Educação Básica em escolas da roça compreendem e produzem experiências de vida-formação-profissão com a diversidade de gênero e sexualidade. Utiliza-se como método a Pesquisa Narrativa associada à abordagem qualitativa, este se encontra ancorado nas bases da fenomenologia e hermenêutica por apresentar condições propícias para interpretação do ser em seu contexto de vida e a partir dos sentidos que atribuem à sua condição de existir em contextos rurais. Os dispositivos de pesquisa tomados como possibilidade de re-colha e produção de dados se configuram em torno das Entrevistas narrativas e a Roda de conversa como textos de campo. Conclui-se que a ausência de formação com abordagem nas questões da diversidade contribui para que professoras e professores não avancem nessas discussões.

Palavras-chave: Pesquisa Narrativa, Gênero e sexualidade, Docência na roça.

Abstract

This study aims to investigate how teachers who work in Basic Education in schools in the countryside understand and produce life-training-profession experiences with gender and sexuality diversity. The Narrative Research associated with the qualitative approach is used as a method, this is anchored in the bases of phenomenology and hermeneutics because it presents favorable conditions for the interpretation of the being in his life context and from the meanings that he attribute to his condition of existing in rural areas contexts. The research devices taken as the possibility of collecting and producing data are configured around the narrative interviews and the conversation wheel as field texts. It is concluded that the absence of training with an approach to diversity issues contributes to teachers not advancing in these discussions.

Keywords: Narrative Research, Gender and sexuality, Teaching in the country

Resumen

Este estudio tiene como objetivo investigar cómo los docentes que trabajan en Educación Básica en escuelas del campo comprenden y producen experiencias de vida-formación-profesión con la diversidad de género y sexualidad. Se utiliza como método la Investigación la Investigación Narrativa asociada al enfoque cualitativo. El método se ancla en las bases de la fenomenología y la hermenéutica porque presenta condiciones favorables para la interpretación del ser en su contexto de vida y a partir de los significados que éste atribuye a su condición de existir en contextos rurales. Los dispositivos de investigación tomados como posibilidad de recopilación y producción de datos se configuran en torno a las entrevistas narrativas y la rueda de conversación como textos de campo. Se concluye que la ausencia de formación con enfoque en las cuestiones de la diversidad contribuye a que los docentes no avancen en estas discusiones.

Palabras clave: Investigación narrativa, Género y sexualidad, Docencia en el campo.

Introdução

As discussões sobre gênero e sexualidade têm se apresentado como temática e campo de disputa, desencadeando movimentos que se coloquem como possibilidades de re-existência de sujeitos de gênero e sexualidade que vivem em territórios rurais como condição de vida instituída pelos modos de ser, pensar e agir em conformidade às maneiras que querem e acreditam. Neste sentido, entendemos que a docência em escolas da roça possa se constituir como um espaço fecundo de discussão e valorização dos modos de ser-viver-na-roça a partir de uma lógica outra que tencione a respeito dessa conjuntura que tenta impor controle e poder para normatizar os sujeitos.

São inúmeros os desafios que professores e professoras de escolas da roça enfrentam quando se trata a respeito das questões de gênero e sexualidade nos espaços da escola, pois além de não terem aprofundamento nessas discussões e temáticas, professores e professoras da Educação Básica necessitam realizar enfrentamentos em vários sentidos, isso quando, se autorizam a acolher em suas aulas qualquer discussão que tenha referência com as questões mencionadas.

Um desses desafios se pauta em, ainda, tomar as questões de gênero e sexualidade pelo viés do binarismo masculino/feminino que reforça os estereótipos e preconceitos enraizados e produzidos culturalmente nas comunidades rurais, que tomam a moral instituída por elementos de normatização dos sujeitos para fundamentar seus entendimentos quanto ao gênero e à sexualidade.

Outro desafio se encontra na ausência de formação de professores e professoras de escolas da roça para lidar com temáticas que são decorrentes dos modos de ser e pensar as questões de gênero e sexualidade nestes espaços. Isso tem intimidado docentes que tem uma certa abertura para tais questões e, ainda, se autorizam a fazer abordagens referentes ao gênero e à sexualidade em suas aulas ou em outros espaços quando há pertinência para isso.

Considerando tais desafios, apresentar narrativas im-pertinentes sobre as questões de gênero e sexualidade de professores e professoras da roça, se coloca aqui como um movimento insurgente em meio a processos e imposições de modelos de educação que se fundamentam em propostas engessadas e mantenedoras de concepções fundamentalistas e hegemônicas.

Este texto versa sobre uma pesquisa em andamento, considerando o percurso de um processo de doutoramento que se encontra na fase de realização das primeiras entrevistas com professores e professoras da Educação Básica, tendo sua centralidade nos processos de vida das pessoas que vivem na roça[i], propondo-se um movimento de compreensão e interpretação que leve em conta a subjetividade dos sujeitos. Busca-se investigar como professores e professoras de escolas da roça compreendem e produzem experiências de vida-formação-profissão com a diversidade de gênero e sexualidade.

Este texto se apresenta como um recorte dessa pesquisa de doutoramento, trazendo as narrativas de um professor e de uma professora que atuam em escolas da roça e vivem nas mesmas comunidades em que estas escolas estão situadas. Estas narrativas compõem a fase I da pesquisa, que teve a pretensão de compor um estudo exploratório dos espaços que se caracterizam como lócus da pesquisa, bem como, seleção de professores e professoras participantes do estudo.

O estudo utiliza como método a Pesquisa Narrativa associada à abordagem qualitativa, estando ancorado nas bases da fenomenologia e hermenêutica por buscar interpretar o ser em seu contexto de vida e a partir dos sentidos atribuem à sua condição de existir em contextos rurais. Os dispositivos de pesquisa a serem utilizados na pesquisa são as Entrevistas narrativas e a Roda de conversa. Neste sentido, as narrativas serão analisadas à luz da proposta interpretativo-compreensiva, que nos traz possibilidades de interpretação do que narram professores e professoras de escolas da roça, considerando os contextos de vida de quem narra.

Percurso metodológico: pesquisa narrativa em contextos da roça

A pesquisa narrativa tem se apresentado como potência para o movimento de pesquisa em educação por considerar as experiências que docentes da Educação Básica lograram no envolvimento com a profissão docente neste nível de ensino, tendo oportunidade de narrarem sobre a vida e os espaços da docência, evidenciando pontos e elementos relevantes para o fazer no âmbito das escolas públicas de espaços que, por muito tempo, eram desconsiderados como produtores de saberes.

Tal movimento de pesquisa se constitui a partir das quebras de paradigmas no campo das ciências duras, insurgindo disso, novas reconfigurações que dão respaldo para a pesquisa qualitativa, legitimando e dando abertura para modos outros de fazer pesquisa, considerando elementos metodológicos construídos com fundamentos numa “perspectiva etno-histórico-sociológica” (BERTEAUX, 2010), ancorada em abordagens da etnografia e suas técnicas para observação tomadas com uma visão sociológica.

Uma perspectiva etno-histórico-sociológica leva em consideração as narrativas de vida numa inter-relação que esta tem com os processos de subjetividade e intersubjetividade de quem narra, podendo ser tomadas como dados de pesquisa por compreender experiências de vida-formação-profissão elementos fundantes para pensar a docência e espaços educativos.

As narrativas significam condições de potência para a produção científica, uma vez que, estas carregam em si uma dinâmica que nos permite compreender fenômenos sociais numa dimensão que perpassa o individual e o coletivo, as singularidades e pluralidades das pessoas. Para Berteaux (2010, p. 17),

Recorrer às narrativas de vida enriquece consideravelmente essa perspectiva, trazendo-lhe aquilo que faltava à observação direta, exclusivamente focada nas interações face a face: uma dimensão diacrônica que permite perceber as lógicas da ação no seu desenvolvimento biográfico e as configurações de relações sociais no seu desenvolvimento histórico (reprodução e dinâmicas de transformação).

Então, o processo que integra uma pesquisa narrativa revela um movimento de valorização às interações que tal movimento propõe para pesquisador/a e participantes de pesquisa, pois a observação direta e o envolvimento que disso decorre, potencializa a produção de dados e favorece a apresentação das narrativas em suas dimensões sincrônica e diacrônica.

A pesquisa narrativa se configura como modo específico que podemos tomar para evidenciar experiência de vida individual de professores e professoras que é atravessada por histórias de vida de outras pessoas, representando suas instituições de educação e outros espaços em que se vinculam.

Buscar compreender trajetórias de vida-formação-profissão de professores e professoras de escolas da roça através de um movimento de escuta sensível, observação dos contextos de vida dessas pessoas, registrando as narrativas que tem para nos apresentar, inter cruzando com a nossa experiência, nos propõe pensar a experiência como possibilidade de produzir conhecimento que seja reconhecido cientificamente.

Então, a pesquisa narrativa se ocupa fortemente da experiência como categoria fundante para pensar educação e seus processos. Assim, Clandinin e Connely (2015, p. 48), explicitam que:

Começamos a refletir sobre o todo das ciências sociais com suas preocupações sobre experiência humana. Para cientistas sociais, e consequentemente para nós, experiência é uma palavra-chave. Educação e estudos em Educação são formas de experiência. Para nós, narrativa é o melhor modo de representar e entender a experiência. Experiência é o que estudamos, e estudamos a experiência de forma narrativa porque o pensamento narrativo é uma forma-chave de experiência e um modo-chave de escrever e pensar sobre ela.

Compreendendo que narrativa é o modo de representar e entender a experiência, tomando-a como mote para (re)pensar a respeito de nossas concepções de pesquisa e educação e, como isso, pode desvelar interpretações outras sobre como professores e professoras de escolas da roça produzem experiências com as questões de gênero e sexualidade.

Neste sentido, a pesquisa narrativa nada mais é que uma forma narrativa de evocar a experiência inter cruzada com a experiência narrada por quem é participante de pesquisa com quem é pesquisador/a. Seria uma condição indagativa de apresentação da experiência de narrar a experiência de desenvolver pesquisa com professoras e professores de escolas da roça.

Tomar uma perspectiva de pesquisa que reafirme e ofereça a devida importância à experiência de quem vive os espaços da Educação Básica, narrada especificamente por quem pisa no chão das escolas da roça, é demarcar posicionamentos políticos e epistemológicos a partir de modos próprios de ser e fazer-se docente, considerando nossas histórias de vida-formação-profissão desencadeadas daquilo que consideramos pertinentes para o desenvolvimento de processos educativos nas escolas da roça.

Desse modo, a pesquisa narrativa pressupõe um escavar experiências que suscitarão narrativas de si por considerar que não há um descolamento entre o pessoal e o profissional de cada um de nós, muito menos uma separação entre o que nos caracteriza na singularidade e pluralidade, tendo possibilidade de fazer desse movimento narrativo um espaço que desencadeará reflexividade formativa.

Essa reflexividade formativa provocará que venham à tona momentos de nossas vidas pessoais e profissionais que se constituíram experiência, nos oportunizando entender como fizemos e porque fizemos o que fizemos. Para Silva, Mota e Rios (2019, p. 369):

As narrativas de si desencadeiam uma maneira diferenciada de pensar sobre nossas práticas, nossas necessidades de formação e as possibilidades de intervir no mundo, pois se caracteriza como um momento de rever a nossa trajetória, como um ser no mundo, de maneira que possamos perceber como se deu o nosso caminhar. Assim, refletindo sobre o que fizeram de nós e o que fazemos com aquilo que fizeram de nós, surgem revelações que nos ajudam no processo de compreensão dos motivos que nos levaram a assumir a profissão docente, como nos vemos nesse fazer-docente e como reconhecemos o outro que está envolvido conosco nesse saber-fazer.

Pensar as narrativas como possibilidade de reflexão formativa, de forma que isso possa contribuir para compreendermos nossos fazeres na docência, entendendo quais são as necessidades formativas que temos, considerando que o modo de produzir experiência, tem relação com aquilo que nos afeta e nos convoca à exposição, sendo desencadeado de sentidos e significados que atribuímos ao que somos e aos espaços em que interagimos e construímos nossas relações.

Com a experiência de narrar a experiência de professores e professoras de escolas da roça, no que diz respeito aos modos de produzir experiência com as questões de gênero e sexualidade, somos provocados a evidenciar com essas narrativas lacunas, desafios, dilemas e estigmas que carregamos conosco e, que de certa forma, isso acaba vindo à tona quando nos propomos a repensar sobre como temos compreendido tais questões ao nos provocar como um ser que é composto e interpelado por estas questões.

As narrativas se colocam como dimensão de um eu constituído pela experiência lograda a partir de processos de vida-formação que pode ser considerada como lugar e condição de questionar-se, indagar-se e traduzir-se para re-conhecer e re-pensar como ser atravessado por gênero e sexualidade para poder re-conhecer e re-pensar as relações que produzimos nos espaços das escolas da roça.

Neste contexto, a pesquisa narrativa com professoras e professores de escolas da roça potencializam as condições de re-ver seus espaços de vida, considerando que a experiência refletida e narrada se mostram como abertura para tomar nossos fazeres docentes nas escolas da roça por um lugar outro que nos ajude a dialogar a respeito das questões de gênero e sexualidade para além de imposições de uma moral instituída como elemento normatizador que permeia as comunidades rurais e escolas de nossas comunidades.

Narrar a vida e a experiência que constituímos nos encontros e desencontros, nas concordâncias e discordâncias se apresenta como oportunidade de reconfigurar nossos entendimentos a respeito de gênero e sexualidade, valorizando e afirmando modos de ver, sentir e ouvir como expressão de acolhimento de nossas individualidades e pluralidade s.

Tudo isso, como forma de redirecionar nossos fazeres na docência, considerando quem são nossos/as alunos e alunas, como querem e pensam suas vidas e modos de ser, sem necessitar de ocultamento e repressão, seja na escola ou nas suas comunidades e no âmbito de suas famílias. Este seria um movimento que se valorizado, acolhido e potencializado no interior da escola da roça ampliará condições de existir neste espaço sem negar-se como ser transversalizado por gênero e sexualidade.

A pesquisa narrativa está associada à pesquisa qualitativa, sendo compreendida aqui, como vertente da abordagem (auto)biográfica, pois seu movimento perpassa pela processo de (auto)biografar nossas vidas e narrar sobre experiência de narrar a experiência de professores e professoras de escolas da roça.

Sabendo que apresentar narrativas sobre nossas formas de viver e pensar gênero e sexualidade é se lançar a um movimento de transgressão aos fundamentos de uma educação que, por muito tempo, se sustentou em concepções moralistas disseminadas por grupos hegemônicos. Isso acabava desconsiderando a diferença na escola e em outros espaços da sociedade.

Se valer de uma proposta que provoca professores e professoras de escolas da roça a evidenciar suas dificuldades, dilemas, receios e vontades através do que podem narrar a respeito das questões de gênero e sexualidade em suas comunidades e em seu fazer docente é conceber as narrativas como processos de insurgências nos espaços da roça, trazendo à tona possibilidades de um pensar e fazer por outras lógicas que não se fundamente em concepções que excluem e desrespeita as pessoas e suas maneiras de ser e viver as pluralidades que são.

Compreendendo que as narrativas são processos de insurgências nos espaços da roça, desencadeando possibilidades para discussão que tragam como centralidade as formas de pensar questões de gênero e sexualidade em escolas da roça, entendemos que estas narrativas são convocativas por provocar condições contestatórias, bem como, contraditórias com os modos de desenvolver a docência, sendo mote para que consideremos tais narrativas como im-pertinentes.

Narrativas im-pertinentes por se colocarem como provocações para que venham à tona receios, medos, incompreensões e outros elementos que não são tão tranquilos para serem narrados,

considerando que ainda vivemos em comunidades conservadoras, que somente agora com as convocações inerentes aos movimentos de grupos compostos pelas minorias políticas temos pequenas brechas e fissuras para narrar sobre quem somos e como pensamos.

Os dispositivos de pesquisa que elegemos para a-colhimento das narrativas e produção de dados para a presente pesquisa se apresentam como entrevistas narrativas e rodas de conversas, por entender que são provocadores e se fazem espaço de potência e reflexividade formativa ao considerar o que insurge com as narrativas.

São participantes narradores/as na pesquisa, um professor que mora na roça e desenvolve a docência na escola de sua comunidade, atuando nas Séries Finais do Ensino Fundamental e uma professora que também mora na roça e atua na escola de sua comunidade com Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental numa classe multisseriada. O professor e a professora fizeram parte do estudo exploratório da pesquisa narrativa que compôs a fase I da pesquisa e tinha como objetivo a seleção de participantes do estudo.

As narrativas re-colhidas e dados produzidos e apresentados num movimento narrativos entre pesquisador e participantes da pesquisa são inter cruzamentos que desembocam em formas próprias de narrar a experiência de desenvolver uma pesquisa narrativa com professores e professoras de escolas da roça, disso surgem provocação que requerem compreensões outras a respeito do fazer docente pensado por este lugar. Sendo assim, buscou-se como aporte o movimento interpretativo-compreensivo para a realização análise das narrativas.

Para Souza (2012, p. 43),

A análise compreensiva-interpretativa das narrativas busca evidenciar a re-lação entre o objeto e/ou as práticas de formação numa perspectiva colaborativa, seus objetivos e o processo de investigação-formação, tendo em vista apreender regularidades e irregularidades de um conjunto de narrativas orais ou escritas, partem sempre da singularidade das histórias e das experiências contidas nas narrativas individuais e coletivas dos sujeitos implicados em processos de pesquisa e formação.

Desenvolver um processo de análise de narrativas, considerando o movimento interpretativo-compreensivo e suas políticas de sentido, é entender que as im-pertinências insurgem das singularidades que se apresentam nas narrativas sobre as experiências produzidas com as questões de gênero e sexualidade revelam o que pensam, como são e como narram os(as) envolvidos na pesquisa, evidenciando como dão relevância aos processos docentes nas escolas da roça, trazendo à tona modos de narrar e se implicar.

Com a perspectiva de análise interpretativo-compreensiva a proposta de pesquisa que, busca nas narrativas docentes elementos que possibilitem interpretar as formas com que professores e professoras de escolas da roça entendem e são provocados/as pelas questões de gênero e sexualidade, evidenciam como os espaços da escola da roça e de comunidades rurais podem ser valorizados como lócus de inclusão e reconhecimento do jeito de ser da cada um/a que frequenta este lugar.

Narrativas que re-velam as questões de gênero e sexualidade na escola da roça

Com os movimentos dos grupos compostos por minorias políticas em busca do reconhecimento de suas identidades para a superação das condições de marginalidade que viviam (vivem), os sujeitos foram questionando as estruturas sociais que atendiam às ideologias de grupos dominantes.

Este movimento provocou e vem provocando diversas alterações nas formas de pensar o mundo e interagir nele. De acordo aos pensamentos de Bauman (2005, p. 13) “é improvável que qualquer modelo com base num único fator seja capaz de dar conta da complexidade do ‘mundo em que se vive’ e abranger a totalidade da experiência humana”.

Tais alterações trouxeram consigo fortes tensões para o campo educacional por ser um espaço permeado por sujeitos da subjetividade com diferentes modos de ser e pensar. Muitas dessas pessoas vivenciaram processos de exclusão, estereótipos e preconceitos sendo compelidas a ocultarem suas diferenças relacionadas ao gênero e à sexualidade, pois estas questões, na maior parte das vezes, foram tomadas a partir de uma lógica binária – macho/fêmea, feminino/masculino, heterossexual/homossexual.

Então, quando os sujeitos não podem assumir e viver suas posições de gênero e sexualidade por se oporem aos princípios heteronormativos presentes na escola, vão se constituindo fronteiras nestes espaços. Segundo Louro (2008, p. 21), “o desafio maior talvez seja admitir que as fronteiras sexuais e de gênero vêm sendo constantemente atravessadas e, o que é ainda mais complicado, admitir que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira”.

Nas escolas da roça, estas fronteiras estão bem presentes nestas relações, sendo demarcadas o tempo todo por elementos fundamentados em parâmetros de binarismos e sobreposições. Essas demarcações são fundamentadas em proposições que atrelam para o gênero e sexualidade a interpelação feita por um discurso instituído pela lógica da heteronormatividade.

Segundo Bhabha (2013), nestes interstícios – espaços marcados por elementos da heteronormatividade - há uma articulação entre os sujeitos da minoria para uma negociação complexa de suas diferenças. Assim, tais interstícios e fronteiras gerados pelas experiências intersubjetivas dos sujeitos de gênero e sexualidade na escola da roça constituem-se como “entre-lugares”, que para Bhabha (2013, p. 20) esses “fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e pontos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade”.

Conforme as narrativas do professor Sebastião, há um grande receio em tocar nas questões que se referem ao gênero e sexualidade no âmbito da escola, principalmente em escolas de comunidades rurais em que as famílias ainda pressionam a escola e professores/as no velamento dessas questões.

Eu acho que a escola não trabalha, tipo assim, pra conversar com o pai e a mãe, pois o próprio pai já não aceita. Digamos que o professor percebe o trejeito, mas o professor tem medo, não tem coragem de conversar com o pai com a mãe em relação a isso porque sabe que vai ouvir alguma coisa. O pai não vai gostar justamente por causa dessa discriminação mesmo, o pai acha que o filho não vai ser. Eu acho que os pais em vez de tomar posição, vai tipo levando, levando. De repente forma-se uma bola de neve, ele não pode mais dar jeito e não quer aceitar. O certo seria aceitar. (Sebastião, entrevista narrativa, 2019)

Uma parte considerável de professoras e professores do Ensino Fundamental tem expressado preocupação referente às várias situações geradoras de violência física e simbólica para com aqueles e aquelas que não se encontram dentro dos parâmetros da normalidade e heteronormatividade. Isso tem desencadeado inúmeras reflexões que vem resultando em posições que são convergentes, em alguns casos, e em outros, divergem de tal modo que chega a nos trazer sentimentos de impotência diante da realidade existente.

Vale ressaltar que existem documentos e propostas educacionais que asseguram um trabalho nas escolas para a promoção de discussões e reflexões que deem centralidade às questões de gênero e sexualidade na Educação Básica, na contramão disso, temos vivenciado uma movimentação política contundente para que esses documentos e propostas, que mesmo sendo pouco tocadas nas nossas escolas, deixem de existir como uma maneira de fazer com que as lógicas colonizadoras, heterossexuais, machistas, sexistas e outras do mesmo parâmetro tomem nossos espaços de vida, reprimindo, inferiorizando e impondo para aqueles e aquelas que não cabem nessas lógicas uma vida nas fronteiras.

Neste sentido, há uma coibição das ações que tem sido promovida nos espaços escolares sobre as questões de gênero e sexualidade e demais vertentes da categoria diversidade, quando esse movimento acontece a diversidade é esvaziada, perdendo seu sentido como um princípio da formação docente. Como podemos notar nas narrativas da professora Damiana.

Essa semana mesmo tinha um menino que falava que quando ele casar não queria ter filhos, e que se tivesse filho e fosse mulher, não queria de jeito nenhum. Percebo que é coisa de casa, é coisa que os pais não esclarecem para ele que tem que respeitar o outro, não importa se for menino ou menina tem que respeitar. Isso reflete porque ainda tem aquele preconceito da parte da parte dos pais. E na escola quando a gente tenta falar, os pais já têm aquela ignorância, dizendo que ninguém precisa saber disso ainda, o filho está novo e não precisa saber dessas coisas. A gente percebe que é falta de esclarecimento. (Damiana, Entrevista narrativa, 2019)

Em meio a tudo isso que permeia o contexto, não somente nas escolas da roça, encontram-se os sujeitos de gênero e sexualidades que vão construídos suas concepções de vida centradas nas orientações provenientes das bases heteronormativas que imperam numa sociedade composta por sujeitos das diferenças. Neste caso, é complacente a essas orientações os sujeitos de gênero e sexualidade que conseguem se enquadrar nas propostas da normatividade, mas quanto aos outros sujeitos que não se reconhecem e não se veem nos padrões dessas orientações, há um processo perverso de inferiorização e imposição dos modos de ser e viver que não favorecem a uma vida decente e digna de cada ser.

Cabe ressaltar que, por parte de professoras e professores, como Damiana e Sebastião há um re-conhecimento da necessidade de fazer abordagens mais consistentes que possam dar conta das demandas da Educação Básica como espaço de formação social e cultural de sujeitos de gênero e sexualidade que precisam ser respeitados em suas singularidades, do jeito que pensam e querem viver e fazer com seu corpo, mas as posturas e ações de professoras e professores da Educação Básica não tem proporcionado a concretização desse re-conhecimento.

Que tipo de professor seríamos nós hoje, se a gente não tivesse um diálogo para com essas pessoas e não aceitássemos? Porque eu tenho uma filha e, se ela tiver opção, eu vou fazer o que com minha filha? Eu vou excluir, eu vou jogar pedra? Não. Quando a gente começa a estudar, a gente começa a ver o mundo com outros olhos, a gente começa a ver que não é o que eu acho. Mesmo porque com o tempo você vai estudando, com a convivência você vai ver e pensar, poxa, como eu estava errado! Como eu agia e falava errado diante de situações como essas. Quem sou eu para julgar e para achar que a pessoa tem que mudar aquilo que é? A gente como professor tem que aceitar as pessoas. Você tem que ter uma visão diferente daquela que você tinha do mundo. (Sebastião, entrevista narrativa, 2019)

Na Atividade Complementar, essas discussões não aparecem muito. É importante aparecer essas discussões, pois a gente faz parte de uma sociedade que é diversificada. Temos que saber as coisas. Quando a gente assiste televisão percebe que há a intolerância daquelas pessoas que têm a mente fechada. Isso tem produzido na nossa sociedade a violência, com a violência a gente ver acontecer morte só pela intolerância de não aceitar o outro pelo jeito que é, e por falta de respeito ao outro. (Damiana, Entrevista narrativa, 2019)

Assim, a docência é um espaço dinâmico para re-pensar e discutir sobre diversidade de gênero e sexualidade em escolas da roça, sendo aqui tratada a partir da interculturalidade crítica que ‘dá especial atenção às diferentes visões dos educandos/as e educadoras/es, identificando jogos de saber e poder nos contextos educativos [...], lidando com os possíveis pontos de conflito e tensão nas relações entre os sujeitos nos contextos educativos’’. (FLEURY, 2018, p.186).

Para a docência em escolas da roça estas questões são fundantes para articular diferentes compreensões acerca das identidades de gênero, da condição sexual e suas relações com as territorialidades rurais. Silva, Mota e Rios (2019, p. 374), reiteram que:

A docência em classes multisseriadas pode privilegiar situações a partir da potencialização das relações inter e intrapessoal dos sujeitos, sem abrir mão da interculturalidade, dos saberes do mundo vivido que esses sujeitos portam e do saber do mundo sistêmico. Sabe-se que não é tão simples promover essa articulação, uma vez que trazemos conosco uma sobrecarga fundada na compartimentalização dos processos, embora existam diversas possibilidades de constituir uma docência parametrizada pelo envolvimento entre professor e aluno, considerando-se as dimensões da afetividade, da cognição e de suas relações socioculturais.

Então a docência nas escolas da roça vai sendo constituída através das relações que professores/as e estudantes estabelecem, considerando os movimentos centrados no respeito aos modos de ser e pensar de cada um/a desses/as envolvidos/as. É nesse processo que, as perspectivas da interculturalidade se fazem presentes e podem se efetivar como amparo para fazeres docentes reflexivos que dão centralidade para as questões de gênero e sexualidade nas escolas da roça, potencializando as discussões neste espaços e ampliando para as comunidades em que estas escolas estão situadas.

Nesse contexto, as questões de gênero são entendidas como construções discursivas, operando aqui com o conceito de performatividade a partir da Teoria *Queer*. Falar a respeito do sexo ou da sexualidade é, em muitos momentos na contemporaneidade, nos remeter a tudo que tornou esse tema um movimento permeado por um discurso atrelado a crimes e doenças, sendo reservado para os espaços em que o controle e a vigilância se façam mais presentes do que já são nos nossos espaços de vida. Vale mencionar que o controle e vigilância são mecanismos criados para atender a uma perspectiva dominante que institui uma lógica pautada no poder.

Partindo do pressuposto de que o gênero e a sexualidade são entidades construídas socialmente e reforçadas conforme o entendimento que cada sociedade tem em determinada época, os sujeitos de gênero e sexualidade que habitam os espaços rurais precisam ser compreendidos e interpretados conforme os fundamentos fenomenológicos e hermenêuticos que tomam como elemento fundamental para o entendimento dos modos de ser, fazer e viver os contextos históricos de cada pessoa, bem como, seu discurso e performatividade.

Sendo o gênero uma construção social e a sexualidade uma produção cultural, cabe evidenciar que tanto o gênero como a sexualidade são processos em constante desenvolvimento, compreendidos como elementos que vão acontecendo a partir da presentificação do ser sendo, isso implica dizer que tais entidades são incompletas e abertas, pois segue a mesma proposição das identidades que vamos constituindo ao longo de nossas vidas, por isso, não podemos entender que o gênero e a sexualidade são determinações biológicas, uma vez que é a sociedade que determina o que cabe para o masculino e para o feminino.

Sara Salin (2017) apresenta que gênero e a sexualidade são produções, onde a investigação se dá em torno do reconhecimento de que o gênero é um efeito. Desse modo, vou percebendo que há uma interpelação que constitui o gênero e a sexualidade como uma grande estratégia de manter e disseminar formas de dominação e poder em relação a estas entidades. Sendo assim, vivemos um movimento calcado numa concepção da heterossexualidade naturalizada que impõe aos sujeitos apenas uma lógica. Essa lógica, na maioria das vezes, impossibilita que vejamos o sexo, o gênero e a sexualidade por outras lentes.

Então, gênero pode ser entendido como constructo discursivo, bem como, produção e devir. Isso significa dizer que os modelos que existem para as definições de gênero, na contemporaneidade, são limitados em relação às performatividades dos sujeitos de gênero e sexualidade que habitam territórios rurais ou não.

Considerando essa limitação que há para definições de sujeitos de gênero e sexualidade, entendemos que o termo “queer” surge e se constitui numa teoria para acolher todo e qualquer modo de ser de sujeitos que viveram ou vivem nas fronteiras ou marginalidade ocasionada por uma concepção calcada nos padrões de uma heterossexualidade instituída como modelo social que oculta as diferenças, colocando os sujeitos numa única e fixa condição binária macho/fêmea, masculino/feminino.

Neste caso, o termo “queer” carrega o sentido de empoderamento de minorias excluídas e marginalizadas por viverem uma condição de gênero e sexualidade que não comungue com o padrão da heterossexualidade, como também, subverte a lógica da opressão por tomar o que anteriormente era considerado insulto como possibilidade de afirmação identitária.

CONCLUSÃO

Nas escolas da roça, há uma demarcação de fronteiras quando se trata das questões de gênero e sexualidade, isso se instituído como assunto velado nos espaços das escolas da roça, pois professores e professoras não se sentem preparados/as para fazer enfrentamentos necessários, apresentando timidamente algumas entendimentos sobre essa temática, destacando que a ausência de formação com abordagem nas questões da diversidade contribui para não avancem nessas discussões.

Vale ressaltar que o “paradigma multicultural” (IVENICKI & CANEN, 2016) poderá contribuir na construção de um espaço escolar que valoriza a diversidade e impulsiona a construção de concepções outras para a superação dos preconceitos e estereótipos por trazer em seu bojo um conjunto de crenças pautado na valorização e reconhecimento da maneira de ser, de pensar e de viver dos alunos, onde estes são vistos como protagonistas.

Diante dos elementos que compõem a ideia do paradigma multicultural, trazemos a possibilidade deste ser tomado em contexto de diversidade, como uma maneira de revisarmos os modelos instituídos no decorrer de nossa formação para re-pensar nossas experiências de vida-formação.

Vivemos uma sexualidade ilegítima e, por isso, reinscrevemos nossa história de vida a partir de uma

narratividade que considera os modos de ser como possibilidades de eleger condições para o respeito aos sujeitos de gênero e sexualidade em contextos rurais, isso aparece como perspectivas outras de superação, resistência e insistência que são produzidas pelas pessoas que vivem na roça e não conseguem se enquadrar nos padrões heteronormativos instituídos nestes espaços.

Conforme possibilidade de reinscrever nossas histórias a partir de perspectivas outras que não tenham imposições dos padrões heteronormativos, seremos desafiados a nos lançar numa aventura da inconstância e do desconhecido, em que, será importante o entendimento de que nossas certezas e verdades construídas até o presente momento a respeito de gênero e sexualidade não tem validade alguma, pois tudo que aprendemos sobre essas questões se apresentam contraditoriamente ao que muitos corpos e suas performatividades re-velam.

Pensamos que diante do movimento de construções sociais e entendimentos a respeito do gênero e sexualidade está sempre aberto e incompleto, pois está relacionado aos mesmos elementos que congregam para a construção de nossas identidades. Neste contexto que pretendo apresentar discussões e reflexões em torno dessas questões em que são muitos os entendimentos a seu respeito, onde muita coisa é equivocada e não condiz com as proposições teóricas e, muito menos com os modos de ser e viver o gênero e a sexualidade na contemporaneidade, considerando os sujeitos que habitam os espaços rurais e tudo que vivem e o constituem neste lugar.

Pensar uma política de identidade de gênero que considere os sujeitos de gênero e sexualidade e seus modos de ser e viver como querem e acreditam, requer compreender o jogo de poder que a sociedade propõe, isso também nos ajudará a perceber de que lugar uma teoria queer (SALIN, 2017) precisa ser entendida.

Por compreender que somos sujeitos do discurso, da performatividade, portanto, sujeitos de linguagem, é importante reiterar, também, que o gênero (corpo) é efeito do desejo e atende a variados modos que está dentro de um parâmetro constituído por aquilo que havíamos desejado para nossa condição de ser, encontra-se fundamentado numa organização do discurso e da lei. Nisso, os sujeitos vão transitando e construindo o(s) gênero(s) que conseguem e compreendem como condição de vida a partir de uma estrutura imaginada ou incorporada/encenada.

O gênero ao qual nos identificamos e que incorporamos é um processo construído conforme nossos desejos que congregam com aquilo que queremos ser. Desse modo, tais desejos podem ser negados ou afirmados, vai depender do que queremos expressar com nossos corpos e comportamentos, uma vez que “[...] os corpos não se conformam, nunca, completamente, às normas pelas quais sua materialização é imposta” (BUTLER, 2018, p.195). Sendo assim, o gênero passa a ser compreendido pela performatividade exercida a partir do discurso e da interpelação que acontece com os sujeitos.

Cabe mencionar que são inúmeras as proposições para uma compreensão do que os estudos de gênero podem nos apresentar, significando que cada base teórica tem seu fundamento e atende à posições políticas e discursivas de diferentes modos.

[i] Rios (2011, p. 21) concebe a roça como uma ruralidade específica centrada na semiótica da terra, um território configurado por “[...] uma cartografia que passa às margens das roças, que marca passagens, buscas, fronteiras, fazeres de distintas formas”.

BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida**: a pesquisa e seus métodos. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade; Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 4ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

CLANDININ, D. Jean. CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa**: experiência e história em pesquisa qualitativa. Tradução Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/EFU. 2. ed. Uberlândia: EDUFU, 2015.

FLEURI, Reinaldo Matias. **Educação Intercultural e formação de educadores**. João Pessoa: Editora CCTA, 2018.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Revista Pro-Posições*. v. 19, n. 2, maio/ago. 2008. p. 17 – 23.

MOTA, Charles Maycon de Almeida; SILVA, Fabrício Oliveira da; RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. Pesquisa (auto)biográfica: narrativas de si como espaço de formação nas escolas multisseriadas. **Práxis Educacional**, [S.l.], v. 15, n. 32, p. 358-377, maio 2019. ISSN 2178-2679. Disponível em: . Acesso em: 13 ago. 2020. doi: <https://doi.org/10.22481/praxis.v15i32.5059>.

RIOS, Jane Adriana Vasconcelos Pacheco. **Ser ou não ser da roça, eis a questão!** Identidades e discursos na escola. Salvador: EDUFBA, 2011.

SALIN, Sara. Judith Butler e a Teoria Queer. Tradução Guacira Louro. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

[1] Rios (2011, p. 21) concebe a roça como uma ruralidade específica centrada na semiótica da terra, um território configurado por “[...] uma cartografia que passa às margens das roças, que marca passagens, buscas, fronteiras, fazeres de distintas formas”.

*Doutorando no Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade - PPGEduc, membro do Grupo de Pesquisa Docência, Narrativa e Diversidade na Educação Básica - DIVERSO, Universidade do Estado da Bahia – UNEB, e-mail: charlesmaycon22@hotmail.com. Bolsista FAPESB.